



Estar em casa: notas sobre as reinvenções do cotidiano na quarentena

Hugo Lima

Hugo Lima

Poeta, performer e curador independente. Pedagogo, pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Especialista em Artes Plásticas e Contemporaneidade, pela Escola Guignard (UEMG). Possui textos publicados em antologias coletivas e em jornais e revistas culturais. Desenvolve pesquisas relacionadas à educação, patrimônio e memória, curadoria, artes visuais, literatura e novas mídias na arte contemporânea. Mora em Belo Horizonte.
Contato: hugolimm@gmail.com

RESUMO [PT]: Este ensaio busca lançar um olhar sobre as transformações provocadas pela pandemia da COVID-19 e seus impactos nas relações interpessoais e nas novas mídias de comunicação e informação. Além disso, tece considerações a partir de conceitos desenvolvidos por Michel de Certeau, Gaston Bachelard e Letícia Parente a fim de repensar os espaços da casa durante a quarentena.

Palavras-chave: reinvenções do cotidiano; poética do espaço; novas mídias; história da arte; arquitetura

ABSTRACT [EN]: This essay seeks to take a look at the transformations caused by the pandemic of COVID-19 and its impacts on interpersonal relationships and with the new media of communication and information. In addition, it makes considerations based on concepts developed by Michel de Certeau, Gaston Bachelard and Letícia Parente in order to rethink the spaces of the house during quarantine.

Keywords: reinventions of daily life; space poetics; new media; art history; architecture

RESUMEN [ES]: Este ensayo busca echar un vistazo a las transformaciones causadas por la pandemia de COVID-19 y sus impactos en las relaciones interpersonales y en los nuevos medios de comunicación e información. Además, hace consideraciones basadas en conceptos desarrollados por Michel de Certeau, Gaston Bachelard y Letícia Parente para repensar los espacios de la casa durante la cuarentena.

Palabras clave: reinvenções de la vida diaria; poética espacial; nuevos medios de comunicación; historia del Arte; arquitectura

É preciso desentropiar

a casa

todos os dias

para adiar o Kaos

Adília Lopes

1. O ano de 2020 começou marcado pela pandemia da COVID-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus surgida na China, no final do ano passado, e que, em algumas semanas, se alastrou por quase todos os continentes, com exceção da Antártica, provocando dor, sofrimento, mudanças e incontáveis mortes. Desde então, a fim conter sua propagação, a palavra de ordem, emitida pela Organização Mundial de Saúde e replicada tanto pelas instituições de comunicação quanto por parte de órgãos do governo, é: #fiqueemcasa (FIG. 1)



Figura 1 - Folder da campanha municipal contra o coronavírus em abril de 2020. Fonte: página oficial da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Em quarentena, muitas pessoas foram obrigadas a transferir suas atividades para os ambientes virtuais: teletrabalho, estudos a distância, vídeo aulas, meditações online, treinos, *lives*, compras, até mesmo os eventos religiosos e familiares passaram a ser realizados pela tela dos smartphones, por meio das plataformas de videoconferência. Essa transferência, na verdade, coloca em prática a “profecia” de muitos teóricos que vislumbravam o mundo na palma das mãos, a vida, e toda a sua sorte de escolhas, na ponta dos dedos, como o filósofo Vilém Flusser (1920-1991), que, em 2008, afirmava que, em pouco tempo, nossos processos de interação se resumiriam ao toque em telas sensíveis. Além do vão das varandas, das frestas das janelas, passamos a ver o mundo pelas polegadas dos celulares, computadores, televisores e outros dispositivos. E o que seria de nós, isolados em casa, sem a gama de

possibilidades propiciada pela internet?

De fato, o coronavírus operou uma mudança radical no *modus vivendi* da humanidade. Lavar as mãos e esterilizá-las com álcool em gel, higienizar embalagens, cumprimentar sem tocar, utilizar máscaras para proteção das mucosas tornou-se um imperativo, o novo “normal”. Além disso, a impossibilidade de permanecermos com a mesma rotina de trabalho, e sofrendo os impactos disso em nossas economias, nos levou a rever nossos gastos e a nos voltarmos para o básico, para as necessidades mais urgentes, substituindo o excesso pela essência, suspendendo, assim, a lógica do mercado, uma vez que, teoricamente, o foco está voltado para os esforços com a saúde.

1. Fonte: <https://www.ibge.gov.br/>

Com a queda na circulação do capital, empresas de pequeno e médio porte, como cafés, bares e restaurantes tradicionais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, não conseguiram se manter e precisaram fechar suas portas, elevando o índice de desemprego no Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o número de desempregados registrado no primeiro trimestre de 2020 chegou a 12,85 milhões¹. Em contraponto, a relação entre as grandes empresas e seus consumidores se tornou mais direta, por meio das *lives* e de outros canais de comunicação, que passaram a ficar mais disponíveis.

Nesse clima de incertezas, e com uma forte sensação de insegurança e impotência, nosso maior desafio passou a ser lidar com a ansiedade, com as redes sociais, com a virtualidade imposta pelas novas formas de convivência surgidas em decorrência do isolamento social.

A transformação provocada pelos mecanismos digitais é anterior à pandemia. Já há algum tempo, convivemos com o controle da nossa vida mediado por esses dispositivos: televisores conectados à internet, lâmpadas, alarmes e aparelhos de ar-condicionado acionados por *wi-fi*, pagamentos, transferências e depósitos realizados pelo celular. Agora, estamos apenas nos deslocando para outras possibilidades de expansão das nossas vivências cotidianas.

Os impactos do isolamento social incidiram sobre a arquitetura, o design e a arte, por exemplo. Na Holanda, um restaurante adotou pequenas “cápsulas” (FIG. 2) para atender aos seus clientes sem abrir mão do distanciamento mínimo exigido pelas organizações de saúde. Essas pequenas “casinhas de vidro”, posicionadas à beira do rio, visam interferir o mínimo possível na experiência dos usuários. No entanto, os funcionários do estabelecimento são obrigados a trabalhar com equipamentos de proteção individual, como máscaras e luvas, e a reforçar a higienização do local e de seus utensílios.

Na França, um restaurante parisiense optou por uma espécie de cone de plástico transparente (FIG. 3), conhecido como “plex’eat”, que, suspenso no teto, impede o contato direto entre clientes e funcionários.



Figura 2 - Imagens do restaurante *Mediamatic ETEN* em maio de 2020. Fonte: Instagram do estabelecimento.



Figura 3 - Imagens de restaurante na França em maio de 2020

Fonte: reprodução/Thibault Camus/AP

Todas essas adaptações apontam para uma mudança irreversível nos modos de socialização na contemporaneidade.

Pela TV, ninguém nas ruas, praias desertas, nenhum engarrafamento pelas vias de São Paulo ou de Moscou. Com milhares de pessoas recolhidas em suas casas, os índices de poluição caíram e a qualidade do ar melhorou. Em cidades como Nova Iorque, Nova Deli e Rio de Janeiro, animais silvestres passaram a transitar tranquilamente pelas áreas urbanas. Na Itália, os canais de Veneza voltaram a ter águas cristalinas e a presença de peixes. Em casa, a qualidade de vida é que é posta em questão.

Tive notícias de amigos que estão em quarentena junto dos familiares, outros, junto dos amigos, e houve, também, aqueles que preferiram ou precisaram ficar absolutamente sós. Sozinhos ou acompanhados, o fato de estarmos reclusos, “exilados”, sem saber, exatamente, por quanto tempo, forçados a abdicar das diversas formas de socialização, como festas, shoppings, cinemas, baladas e museus, desperta um sentimento de angústia, uma sensação de vazio.

A preocupação com esse sentimento, comum ao contexto em que estamos inseridos, levou um grande número de psicólogos a prestar algum tipo de ajuda remotamente. Por meio das chamadas de áudio ou de vídeo, são oferecidas terapias freudianas, lacanianas, dentre outras. Ao compartilhar nossas inquietações com estes profissionais, além de encontrarmos algum consolo, aprendemos a assumir o controle de algumas situações, a valorizar momentos de ociosidade, a compreender a importância de estarmos sós, em alguns momentos, e a ressignificar as pausas e os silêncios. Muitas vezes, é dos lapsos entre um pensamento e outro, ou da ausência de um pensamento bem elaborado, que parte a criação.

Por outro lado, estar com o outro por longos períodos de tempo, ambos com suas rotinas esvaziadas, convivendo intensamente com suas distrações e manias, pode desgastar a relação. Banhos demorados, luzes deixadas acesas em ambientes vazios por descuido ou descaso, uma mesma música tocada repetidas vezes em volume alto, enfim, detalhes que antes, talvez, nem incomodassem, passam a se tornar a origem do nosso estresse. Tudo isso exige criatividade e maturidade para mantermos o equilíbrio emocional e lidarmos com os “excessos” da convivência. Coabitar uma casa requer paciência e cooperação.

Conexões que travam, falas que se atropelam, imagens que congelam, áudios que não acompanham o movimento dos lábios: assim passou a ser a nossa comunicação. Muitas pessoas estão aproveitando o tempo para limpar e organizar seus lares. Ao mesmo tempo em que fomos retirados do contato físico, nos vimos compelidos a reinventar o cotidiano, a redefinir aproximações e a dinâmica das comunidades.

2. Nos anos 70, Michel de Certeau (1925-1986) empreendeu uma pesquisa coletiva cujos resultados foram publicados, em 1980, no livro *A invenção do cotidiano*. Seu objetivo era realizar uma análise da “proliferação disseminada de criações anônimas e ‘perecíveis’ que irrompem com vivacidade e não se capitalizam” (CERTEAU, 1998, p.13). Em outras palavras: o historiador observou que recebemos uma enorme quantidade de informações por meio das mais variadas mídias, mas isto não se dá de forma unilateral, não somos meros receptores e reprodutores de rituais, princípios e valores produzidos pelas instituições que nos rodeiam. Pelo contrário, interpretamos e nos apropriamos desse conjunto de elementos culturais e agimos sobre ele, por meio de nossos “esquemas de ação”. Ou seja, somos capazes de modificar o sistema.

Certeau afirmava que a cultura é múltipla e está enraizada em cada um de nós. Em nossas práticas ordinárias, sintetizamos as informações que nos chegam e produzimos novos modos de fazer. Ainda que não nos demos conta, a maneira como listamos, classificamos, categorizamos, arranjamos objetos dentro de um armário, por exemplo, se aproxima do método científico e amplia nosso repertório de conhecimentos. Em certa medida, nos descolamos das conformações sociais e as atualizamos. Esse enviesamento de saberes corresponde ao que Certeau chamou de *bricolagem*².

2. Termo francês que, em sua definição mais simples, se refere a um trabalho manual, feito com o aproveitamento de todo tipo de objetos e materiais disponíveis. Claude Lévi Strauss (2003) e Jacques Derrida (1971), ao se apropriarem do termo, definiram por *bricoleur* (aquele que cria *bricolage*) o indivíduo que realiza um trabalho de forma que não haja um planejamento pré-concebido, afastando-se, conseqüentemente, dos processos e normas comuns às técnicas tradicionais. Tem como característica a utilização de quaisquer materiais que se tenha à mão e que sejam interessantes ao criador, existentes no ambiente e com funções definidas para além da obra do *bricoleur*. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bricolage/17015/>. Acesso em 13 de junho de 2020.

3. O *panelaço* surgiu no Chile, em 1971, como uma forma de protesto contra o encarecimento dos alimentos. A jornalista e ativista Maria Cristina Morandé convocou donas de casa para um ato público. Entre 1986 e 1989, os chilenos recorreram, novamente, às panelas para protestar contra a ditadura do general Augusto Pinochet. Em 2001, os argentinos importaram a ideia e organizaram *panelaços* como ato de oposição ao presidente Fernando de La Rúa, que acabou renunciando. Os *cacerolazos*, como ficaram conhecidos nos países de língua hispânica, expressam a ida de uma classe média empobrecida às ruas com o objetivo de mostrar aos governantes que as suas panelas estão vazias. Segundo Leonardo Avritzer, em um texto publicado no portal Carta Maior, no Brasil, as panelas estão sendo batidas na intenção de interditar a fala do outro (nota do autor).

Criamos, portanto, novas estratégias e táticas para lidar com a casa, rearticulando, organizando e dividindo as tarefas, inventando maneiras astuciosas de enfrentar o “confinamento”, novas formas de deslocamento nesse lugar tão comum que é o nosso lar.

Durante a quarentena, provocada pela pandemia do coronavírus, ao mesmo tempo em que os serviços de *delivery* de comida ganharam espaço, muitas pessoas começaram a reciclar e compartilhar receitas e a produzir seus próprios alimentos, como os pães caseiros, num fenômeno apelidado - ironicamente - de “pãodemia”. A produção de máscaras de proteção também ganhou lugar de destaque no mercado. Dos tecidos cravejados de *strass* ao *pet*, uma enormidade de modelos e modos de produzi-las circulou pelos tutoriais publicados na internet. Algumas pessoas passaram a utilizar lenços, cachecóis e até filtro de coar café. Cada um inventando um jeito de se proteger.

Com as panelas, resgatamos uma forma de protestar³ contra os atos indecorosos do presidente da república. Durante seus pronunciamentos, em rede nacional de TV, ao longo da quarentena, milhares de brasileiros batiam panelas das janelas de suas casas. A principal motivação desse evento deveu-se ao fato de o político tratar o coronavírus como uma “gripezinha”, dedicando pouca ou nenhuma atenção à saúde. Enquanto a maioria das pessoas estava voltada para os cuidados consigo e com o outro, o governante participava de passeatas e carreatas contra a democracia, em Brasília, se posicionando a favor da reabertura do comércio e dos pontos de aglomeração.

Recuperamos, também, mais um jeito de expressar nossa solidariedade oferecendo favores, como ir à farmácia ou ao supermercado, àqueles que se encontram no grupo de risco a fim de evitar que, ao sair de casa, idosos e hipertensos, por exemplo, se exponham ao risco de contágio. Surgiram, também, uma infinidade de redes colaborativas e campanhas de doação em prol do abastecimento de comunidades carentes. Organizações não-governamentais distribuíram cestas básicas, máscaras de proteção e produtos de limpeza nas favelas.

Certeau estava interessado em investigar, com uma espécie de olhar panóptico, como essas práticas se desenvolvem e se transformam no nosso cotidiano, compreendendo-as como uma capacidade de criar e reinventar determinadas soluções que nos afastam do conformismo e da submissão ao poder instituído.

Essa reinvenção do nosso cotidiano, na quarentena, também propõe uma redescoberta dos espaços da casa, a construção de novas relações com as janelas, com as paredes, com a geladeira, com as pias do banheiro e da cozinha. E não falo, aqui, das suntuosas mansões que, comumente, ostentam a personalidade acumuladora de seus donos, mas, sobretudo, da simplicidade dos nossos pequenos metros quadrados, da intimidade dos que fazem de seus lares espaços de aconchego e proteção.

3. Não é a primeira vez que o mundo passa por uma pandemia. Ao longo da história, algumas doenças devastaram grandes populações. Uma infinidade de documentos e obras de arte registram esses momentos e nos ajudam a ter uma noção dos seus impactos.

Em *Cidadãos de Tournai enterrando os mortos durante a Peste Negra*, Piérart dou Tielt retratou, numa iluminura, o sofrimento e a desesperança dos europeus durante a peste negra (FIG. 4). Nela, é nítida a feição de tristeza dos cidadãos, que carregam caixões e cavam buracos para enterrar seus mortos. Essa iluminura acompanhou uma edição produzida em 1353, por Piérart, a partir de crônicas do abade Gilles le Muisit sobre a peste negra e a perseguição de judeus em várias cidades da França. A peste assolou a Europa entre 1343 e 1353.



Figura 4 - Cidadãos de Tournai enterrando os mortos durante a Peste Negra, Piérart dou Tielt, 1353. Detalhe de uma miniatura das Crônicas de Gilles Le Muisit. Fonte: <https://www.silvanatinelli.com.br/arte-artesanato/como-arte-retrata-uma-pandemia/>

Nessa mesma época, o escritor italiano Giovanni Boccaccio (1313-1375) escreveu *Decameron*, uma reunião de cem textos que retratam a vida dos europeus durante a peste. Além de relatar a ineficácia da Igreja e da medicina na contenção do avanço da doença, o autor lança um olhar sobre a diferença entre as classes sociais. Enquanto os ricos se isolavam em suas casas, assistidos por seus servos e a desfrutar de vinhos, música, dentre outros entretenimentos, a classe média e os pobres sucumbiam, incapazes de deixar a cidade e de se protegerem. A nobreza se refugiava em regiões afastadas e confortáveis, certa de que, ali, estaria segura. Boccaccio, que perdeu alguns parentes para a peste, denuncia, com a obra, a indiferença por parte dos mais abastados e a dificuldade de se colocarem no lugar do outro.

O pintor suíço Arnold Böcklin (1827 — 1901) concluiu, em 1898, *A Praga*, uma de suas pinturas mais conhecidas (FIG. 5). Na tela, a morte, representada por uma figura que se assemelha a uma caveira, carrega uma foice e aparece montada em uma criatura cujas asas lembram as de um morcego e, o rabo, de um dragão. Ao fundo, pessoas tentam escapar desesperadas. Em primeiro plano, uma mulher de vermelho parece chorar sobre o corpo de outra, estirada no chão.

Suas roupas têm a única cor vívida do quadro, que, a um olhar apressado, remete a uma poça de sangue. Para dar forma à cena, o artista utilizou tons de verde, cor frequentemente associada à decomposição, preto e marrom.



Figura 5 – *A Praga*, Arnold Böcklin, 1898. Kunstmuseum, Öffentliche Kunstsammlung, Alemanha. Fonte: <http://www.wikigallery.org/>

Em 1919, Edvard Munch (1863-1944) pintou seu *Autorretrato após a gripe espanhola* (FIG. 6). Nele, o artista aparece sentado, com os cabelos ralos, a pele amarelada e cobertores no colo. Sua fisionomia nos lembra o quadro *O grito*, realizado em 1893, com intensas camadas de tinta de tonalidades fortes, variando entre preto, vermelho e laranja. A Gripe Espanhola, como ficou conhecida, causada por uma estirpe do vírus Influenza A do subtipo H1N1, matou quase 100 milhões de pessoas em todo o mundo, entre 1918 e 1920. No Brasil, foram mais de 300 mil vítimas, dentre elas, o presidente da república, Rodrigues Alves, que, reeleito, faleceu antes de tomar posse. Mesmo tendo uma saúde frágil, Munch sobreviveu à pandemia. Sua obra é composta por uma série de estudos, esboços e pinturas que fazem referência ao desespero existencial, à melancolia, à solidão e à morte.



Figura 6 - *Autorretrato após a gripe espanhola*, Edvard Munch, 1919, National Museum of Art, Architecture and Design, Oslo

Em 1995, o escritor português José Saramago (1922-2010) publicou *Ensaio sobre a cegueira*, que descreve o aparecimento de uma infecção de rápida transmissão que provoca uma “cegueira branca” nas pessoas. Ao ser detectada, o governo toma diversas medidas a fim de conter o contágio, como o fechamento de fronteiras, o confinamento e o racionamento. As pessoas, em quarentena, com recursos limitados, passam, então, a lutar por comida, dentre outros tipos de assistência. Ainda que a situação, inicialmente, gere um forte sentimento de compaixão pelos doentes e pelos mais necessitados, como as crianças e os idosos, aos poucos, surgem cenas de violência, bestialidade, abusos dos mais variados tipos, além de mortes. Esse cenário resgata certa animalidade do ser humano que, em situações extremas, é capaz de chegar às consequências mais perversas para garantir a sua sobrevivência. O autor propõe, na apresentação da obra, que fechemos os olhos para ver, numa tentativa de recuperarmos a lucidez e resgatarmos o afeto. Em meio à sensação de impotência, desprezo, humilhação e abandono, a ética e a moral são questionadas e nos convida a uma reflexão sobre as mazelas da sociedade que culminaram nessa situação. O livro foi adaptado para o cinema, em 2008, sob a direção de Fernando Meirelles.

A pandemia da COVID-19 também impactou as produções artísticas contemporâneas. Muitos profissionais da cultura recorreram às *lives* como forma de manter seus trabalhos e estreitar relações com seus seguidores.

4. Fonte: <http://festivalvariluxemcasa.com.br/>.

5. Fonte: <https://masp.org.br/eventos/emcasa>

6. Fonte: <https://www.cccbvirtual.com.br/>

7. Fonte: <https://adrianacalcanhotto.com/>

Alguns festivais de cinema famosos, como o Festival Varilux de Cinema Francês⁴, passaram a exibir seus filmes, gratuitamente, pela internet. O MASP - Museu de Arte de São Paulo, adotou a hashtag #maspemcasa e preparou conteúdos digitais para continuar levando sua programação ao público enquanto o museu estiver fechado. A equipe investiu nas redes sociais, como Instagram, Facebook e Twitter, para promover a divulgação do acervo e propor encontros virtuais e conversas com artistas, professores e curadores.⁵ O Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB⁶ disponibilizou um *tour* virtual por suas exposições, com imagem em 360º, diferentes panorâmicas, acesso detalhado aos objetos expostos e *audio guide* com orientações dos curadores. Na música, a cantora e compositora Adriana Calcanhotto⁷ gravou, em casa, e produziu, pela internet, um álbum intitulado *Só - canções de quarentena*, reunindo um repertório de nove canções e a colaboração de mais de dez músicos, que enviaram seus trabalhos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belém, Tóquio e Orlando. As letras, inspiradas pelo contexto do isolamento social, foram compostas entre os dias 27 de março e 10 de abril. Numa delas, a cantora questiona “o que se faz na quarentena?”, em outra, constata, “o que temos são janelas”. O álbum está disponível em todas as plataformas digitais e a renda arrecadada com os direitos autorais será revertida para organizações não-governamentais de apoio aos artistas.

Como estes, diversos outros eventos estão sendo realizados, via internet: concertos de ópera, peças de teatro online e boates promovendo *streamings* diretamente da casa de artistas e DJs. Tudo isso nos dá indícios de que “nada será como antes, amanhã”, como cantaram Milton Nascimento e Beto Guedes. Precisaremos reinventar, também, nossa relação com a arte, nos adaptar ao mundo pós-pandemia. Ainda não é possível prever se as plateias irão lotar estádios, clubes, salões, praças e teatros novamente. Por ora, continuaremos maratonando séries da Netflix, assistindo a filmes e novelas, curtindo os embalos de sábado à noite direto da área vip de nossas casas.

4. Letícia Parente (1930-1991) foi uma artista baiana que passou boa parte da sua vida entre Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro. Casou-se, teve cinco filhos e construiu, praticamente, toda a sua obra dentro da própria casa, fez dela seu ateliê, utilizando objetos do dia-a-dia para criar. Uma das precursoras da videoarte no Brasil, a artista se apropriou de cada cômodo como cenário

das narrativas que empreende em seus vídeos: na sala, ela borda; na área de serviço, ela passa; no banheiro, ela se prepara; no quarto, ela se guarda dentro do armário ou reorganiza, afetivamente, seus objetos. Com isto, ela compõe uma cartografia de gestos, aparentemente banais, desmistifica o cotidiano e revela o poder enraizado em cada uma de nossas ações.

Para Letícia, costurar, passar, se maquiagem, são tidos não só como produtores de um saber, mas constituem subjetividades, ideologias, agenciamentos. Estão na esfera das micropolíticas. A artista parte da sensibilização de experiências ordinárias para o campo das investigações, passando pela ressignificação de práticas comuns. Em sua obra, linha, agulha, esparadrapo, caderneta de vacinação, seringa, cabide, ferro e tábua de passar, armário, balaio, aparelho telefônico, estojo de maquiagem, ganham novos modos de usar.

Além de artista, era, também, professora e cientista. Em 1990, publicou um livro intitulado *Bachelard e a Química no Ensino e na Pesquisa*. Na introdução, ela apresenta argumentos que sustentam sua escolha por Bachelard para tratar do ensino de química. Gaston Bachelard era um filósofo que entendia a ciência como plural, buscava aproximá-la das ações cotidianas e acreditava em um novo espírito científico. Para ele, nada é definitivo e o maior obstáculo para a definição do novo é um certo apego àquilo que já se descobriu até então. Apesar de tratar de temas como a física, a epistemologia e a fenomenologia, sua escrita é poética e lança mão de recursos metodológicos da psicanálise. Bachelard também destaca a importância da imaginação para o saber e aponta para a associação entre elementos, aparentemente, distintos.

Uma de suas obras mais importantes é o livro *Poética do Espaço*. Nela, Bachelard fala dos espaços vividos, dos espaços amados, não só o espaço real, mas o espaço percebido pela imaginação. No primeiro capítulo, ele descreve a casa como o lugar primeiro onde o indivíduo constrói sua individualidade, seu microcosmo, e propõe uma dialética entre micro e macrocosmo, entre o universo das miniaturas e das imensidões, entre o interior e o exterior. Na sociedade contemporânea, essa relação tem sido, cada vez mais, mediada pelas novas mídias.

Nos capítulos subsequentes, o filósofo vai tecendo uma poética da casa. Com um olhar topográfico, ele nos ensina que habitar vai além da permanência de um corpo físico em um determinado lugar. É um elo que se estabelece entre o sujeito e o espaço. Moramos dentro da casa e a casa está dentro de nós. Muito antes dela existir, concretamente, já está engendrada em nossos afetos, em nosso imaginário. Nossa memória se fixa no espaço, não no tempo. Cada objeto da nossa vida íntima nos conta uma história, resgata uma lembrança, ativa um ponto de conexão com o nosso passado.

Os cantos da casa também são lugares de silêncio, de recolhimento e de solidão. Incontáveis lembranças estão refugiadas entre os corredores da casa. Nos esconderijos - caixas, gavetas, cofres - guardamos nossas coisas mal resolvidas, secretas, perturbadoras, complexas ou preciosas.

Bachelard também fala dos armários, dos abrigos da memória, que possuem valores imaginados, fantasiados, figurativos e simbólicos. A casa interliga pensamentos, devaneios e planos. É nela, e a partir dela, que somos e estamos, que constituímos nossa subjetividade, do nascimento até a morte. É dentro de casa que, muitas vezes, encontramos a cura.

Inspirada pela obra de Bachelard, Letícia Parente produziu uma série de trabalhos. Dentre eles, *Eu, armário de mim*, uma instalação audiovisual (FIG. 7), de 1975, em que a artista desarruma a casa para reorganizá-la a partir de uma perspectiva poética. Ela projeta uma série de fotografias de um mesmo armário contendo arranjos diversos, com papéis, roupas, sapatos,

condimentos, remédios, exames, cadeiras e, inclusive, os próprios filhos. Indexando todas essas imagens, sua voz, *em off*, como um mantra, repete: *eu, armário de mim/ conta de mim/ o que contendo*. Com isso, ela busca compreender e dar novos sentidos ao caos que compõe o universo da casa, desperta um olhar para a estética dos objetos e nos lembra que deixamos rastros pelos lugares que habitamos, que tudo isso que dispomos pelas gavetas, mesas e prateleiras, constitui e revela nossa subjetividade.



Figura 7: Detalhe da obra *Eu, armário de mim*, de Letícia Parente.

Fonte: catálogo *Arqueologia do cotidiano: objetos de uso*.

Nos vídeos de Letícia Parente, a casa é como é, sem enfeites nem retoques. Às vezes, temos a sensação de que a artista deseja se tornar parte dela, integrá-la, como uma janela ou o encaçamento. A casa é o lugar da individualidade, uma extensão do indivíduo, uma metáfora da sua existência. Vivenda, habitação, morada, moradia, lar. A casa se metamorfoseia no sujeito que a habita. Associamos situações de conforto e identificação com o “estar em casa”. Dentro dela, estabelecemos relações, conexões, princípios e regras particulares, instituímos nossa liberdade. Para a artista, a casa é abrigo, proteção, um mapa que direciona as paisagens possíveis do cotidiano que ela ressignifica.

Em uma postagem feita numa rede social, em 12 de abril deste ano, a professora Lúcia Santaella escreveu:

O espaço habitado é povoado pela vida secreta dos objetos, preenche de vestígios da memória e de pistas reveladoras do mundo interior daqueles que lá vivem. Hábitos cotidianos, modos de ser e de estar, apego pela ordem ou então pela desordem criativa ou confusa, atração pela acumulação ou pela limpeza acética de espaços vazios, rastros de como se emprega o tempo, amor ou desamor pela harmonia, enfim, são variações que não cabem em enumerações descritivas. Assim entendendo a estética dos espaços em que se habita, espaços capazes de tornar visível a invisibilidade de nossa vida interior (SANTAELLA, 2020, não paginado).

Mais adiante, ela conclui:

[...] nas reuniões remotas que viraram praxe, os vídeos têm exposto indiscretamente espaços do habitar nos quais pistas e fragmentos de nossa interioridade estão sendo compartilhadas coletivamente. Na reclusão e na distância, estamos aprendendo novas maneiras de ver e viver com o outro (SANTAELLA, 2020, não paginado).

Letícia corrobora tanto com o pensamento de Bachelard quanto com o de Santaella ao propor outras leituras sobre o espaço da casa e dos objetos que ela contém. Já na década de 70, a artista levava o ambiente da casa para as galerias de arte, o lugar da intimidade, do privado, se torna o espaço público, numa tentativa de suscitar outras camadas de leitura, a problematização de gestos tão triviais. Parafraseando Certeau, o cotidiano é aquilo que

partilhamos, entre táticas e estratégias, na busca de lidarmos com a pluralidade de possibilidades que nos é dada a cada dia.

5. Neste momento, faço uma pausa. Vou até à janela do meu apartamento. Daqui, vejo uma infinidade de janelas de outros apartamentos nos prédios vizinhos. Dentro de cada uma delas, imagino pessoas praticando seus rituais domésticos, realizando tarefas das mais diversas, ocupando seus espaços, reinventando modos de ser e estar em casa. Vejo roupas e toalhas penduradas em áreas de serviço, uma mulher fuma no parapeito enquanto, na janela ao lado, outra mulher limpa a vidraça, dois homens conversam numa sala, aparentemente, repleta de livros, uma senhora recolhe os brinquedos espalhados na sacada, outra rega as plantas enfileiradas em uma pequena varanda. Somos bilhões de pessoas em nossas casas aprendendo a viver e a sobreviver na contemporaneidade.

De repente, lembro-me de que, em 2000, ou seja, há exatos vinte anos - tempo suficiente para uma pessoa ser gerada, nascer, aprender a falar, andar, comer sozinha, passar por todas as etapas da educação básica e do ensino médio e ingressar em uma universidade - as professoras Tânia Mara Galli Fonseca e Deise Juliana Francisco organizaram o livro *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*, no qual reuniram textos que tratam de assuntos como memória, redes socioculturais, novas tecnologias da comunicação e da informação, mídia e produção do sujeito, *cyborgs*, dispositivos de subjetivação, hierarquia e controle dos poderes institucionalizados. Com certa preocupação, penso que, passados todos esses anos, ainda estamos nos debruçando sobre as mesmas questões, praticamente inertes na busca por soluções.

Letícia, Certeau e Bachelard nos falam do silêncio das coisas, da necessidade do recolhimento e da reflexão. É a isto que o isolamento social nos convida. Um dos maiores desafios que o coronavírus nos impõe é a ressignificação da vida, dos detalhes, do pequeno: das plantas na janela, da maneira como manipulamos os objetos, da forma como nos relacionamos com o outro, da reinvenção do toque, do abraço, do contato, de como olhamos para o mundo, sua natureza, sua arquitetura, suas engenharias, seu design, seus discursos, suas histórias, sua arte.

Temos, agora, a oportunidade não só de olhar e pensar no que pode ser o mundo lá fora, pós-pandemia, mas de criar maneiras de habitar poeticamente os espaços da casa. O abalo nas estruturas físicas, psíquicas, econômicas, educacionais e religiosas nos impulsiona à mudança que há muito idealizávamos, mas que não alcançamos, até então, porque o mundo seguia dentro da "ordem". Quando os valores desabam e o caos se instaura é que a vida se transforma.

Este isolamento, talvez, contribua para que possamos ficar quietos por um momento, repensando sobre o que é verdadeiramente importante para nós, sobre as novas formas de produção de presença, sobre os modos de ser e habitar a contemporaneidade, enquanto humanidade e enquanto indivíduos, sobre aquilo que fazemos por nós mesmos e pelo outro, e sobre como podemos nos tornar pessoas melhores. E eu espero que, daqui a vinte anos, as questões sejam outras, não menos complexas, mas bem menos tristes.

Referências (ou leituras de quarentena)

AVRITZER, Leonardo. **O painelço e as formas do protesto social**. Portal Carta Maior, em 05/06/2015. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-panelaco-e-as-formas-do-protesto-social/4/33657>. Acesso em 13 de junho de 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Durante quarentena, animais ocupam ruas de centros urbanos pelo mundo. Uol Notícias, em 22/04/2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/album/2020/04/22/durante-quarentena-animais-saem-as-ruas-em-centros-urbanos-pelo-mundo.htm?mode=list&foto=8>. Acesso em 02 de junho de 2020.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008

FONSECA, Tania Mara Galli; FRANCISCO, Deise Juliana (orgs). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

GUEDES, Beto. NASCIMENTO, Milton. **Nada será como antes**. Milton Nascimento, Beto Guedes - 3:23. Álbum Clube da Esquina. 1972. EMI Records Brasil Ltda.

MCKINLEY, Kathryn. **The reaction of the rich to bubonic plague is eerily similar to today's pandemic**. The Times of Israel em 20/04/2020. Disponível em <https://www.timesofisrael.com/the-reaction-of-the-rich-to-bubonic-plague-is-eerily-similar-to-todays-pandemic/>. Acesso em 13 de junho de 2020.

PARENTE, André; MACIEL, Kátia (orgs.). **Letícia Parente: arqueologia do cotidiano: objetos de uso**. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2011.

Restaurante francês cria cápsulas de plástico para proteger clientes contra a Covid-19. G1 Notícias, em 29/05/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/05/29/restaurante-frances-cria-capsulas-de-plastico-para-protoger-clientes-contra-a-covid-19.ghtml>. Acesso em 02 de junho de 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Interiores**. Sociotramas Wordpress em 12/04/2020. Disponível em: <https://sociotramas.wordpress.com/2020/04/27/diario-de-bordo-2-em-tempos-de-corona/> Acesso em 02 de junho de 2020.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em: 30/06/2020

Aprovado em: 12/08/2020